

---

## PROTESTANTISMO E LEITURA: A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO BATISTA

Luciane Silva de Almeida<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O protestantismo sempre foi disseminado como “a religião do livro”, tendo desde a Reforma, a leitura como prática fundamental para o conhecimento e difusão dos dogmas cristãos. Chartier demonstra que na França do Antigo Regime a leitura entre os populares se encontrava limitada por dois horizontes: o da profissão e o da religião, e inclui neste último os prosélitos protestantes. Ao esclarecer sobre essa comunidade leitora nos informa que os cultos protestantes serviam como um lugar em comum em que se operava a aprendizagem do livro, numa realidade onde “lido e comentado pelos ministros e pregadores, possuído e manuseado pelos fiéis, o texto impresso impregna toda a vida religiosa das comunidades protestantes, em que o retorno à verdadeira fé não se separa da entrada do escrito impresso na civilização” (CHARTIER, 2004, p. 102).

Neste artigo, pretende-se apresentar como a forte relação entre o protestantismo, a leitura e a imprensa se apresenta no sistema literário protestante, e como esse sistema foi essencial para a expansão deste grupo no Brasil. A fim de demonstrar em termos práticos quais os meios literários característicos dos evangélicos brasileiros ao longo de sua história, análise a produção literária da Igreja Batista, tomada aqui como referência graças ao importante papel que suas publicações exerceram, tanto no fortalecimento da identidade do grupo, quanto na expansão das suas atividades e conquista de novos adeptos através da divulgação de sua visão de mundo.

### PROTESTANTISMO E LEITURA

É plenamente possível admitir que existe uma estreita conexão entre a história da imprensa de Gutenberg e da recepção da Bíblia, o que nos permite entender a sua importância para a expansão protestante pelo mundo. O alemão Thomas Müntzer, teólogo protestante radical do século XVI, entendia o alcance mundial da imprensa como algo útil para a pregação sem fronteiras

---

<sup>1</sup> Doutora em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em História Social pela Universidade Estadual de Feira de Santana, professora do Instituto Federal de Minas Gerais. E-mail: almeida.luciane59@gmail.com



dos seus sermões. Segundo Hill, a imprensa no contexto das Reformas foi um instrumento extremamente eficaz na divulgação das ideias protestantes, e, mesmo diante da censura eclesiástica católica, serviu para importar o protestantismo para lugares onde este controle não fosse tão presente (HILL, 2003, p. 58).

A relação entre protestantismo e imprensa também é reafirmada por Briggs & Burke que, em trabalho dedicado a construção de uma história social da mídia, destacaram a importância dela para a expansão do movimento protestante quando “na primeira geração [...] 1520 e 1530, os protestantes se baseavam no que pode ser chamado de “ofensiva de mídia”, não somente para comunicar suas próprias mensagens, mas também para enfraquecer a Igreja Católica ridicularizando-a” BRIGGS; BURKE, 2006, p.82). Além disso, o advento da imprensa serviu, obviamente, para a divulgação dos folhetos e traduções das Bíblias que surgiam na medida em que o movimento reformista se expandia pela Europa.

O princípio protestante do “sacerdócio universal”, da livre interpretação das escrituras, seguia o caminho da rejeição de interpretações prontas da realidade elaboradas por qualquer autoridade externa. Partindo desses princípios, “a Reforma, aonde quer que chegasse, se preocupava em colocar a Bíblia na língua do povo – e nesse particular a tipografia foi fundamental para a Reforma –, afim de que todos tivessem acesso à Sua leitura” (COSTA, 2008, p.131). Seguindo essa linha, Christopher Hill (2003) estudou não somente o papel da Bíblia na revolução inglesa, mas também a sua influência na constituição da literatura e da cultura anglo-saxônica, produziu um trabalho inspirador para os estudos sobre a expansão das denominações protestante.

Para entender o que chamamos ao longo do texto de *literatura protestante*, cabe compreender o que estamos definindo como literatura. Neste sentido, concordamos com Antônio Candido (1997) que considera a literatura como um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permite reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo

transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros.

Ressaltamos que o termo literatura não tem um significado homogêneo ao longo do tempo, mas a conceituação citada há pouco é a que melhor nos atende. Levando em conta as observações, podemos afirmar que a produção escrita protestante é uma forma de literatura. Cabe ressaltar que não utilizaremos esse termo com vistas a fazer qualquer espécie de crítica literária, pois restringiremos nossa análise aos meios e fins religiosos.

É importante notar que os textos difundidos por esses meios estavam dotados de uma espécie de autoridade do discurso, onde as falas representadas ali eram aceitas como verdade. Segundo Lyndon Santos, ao estudar as relações entre o protestantismo e a cultura brasileira

esta autoridade foi sendo estabelecida no tempo através da instrumentalidade, em primeiro lugar, das instituições eclesásticas com seus cânones e sínteses teológicas reunidos em credos e textos de referência produzidos e editados pela burocracia interna destas instituições. Em segundo, pelas universidades de Teologia na Europa e nos Estados Unidos, responsáveis pela formação de um clero especializado e proprietário de um capital intelectual que seria imposto nas comunidades, nos centros de produção do saber, nas edições religiosas e no todo do campo protestante. Em terceiro, pelo uso (leitura) diferenciado de diversos outros setores do movimento protestante". (2003, p.64)

Ian Green (2000) em seus estudos sobre a literatura protestante do século XIX adota um conceito que continua sendo útil para a produção do século XX. Para o autor, produção religiosa protestante é aquela cujo principal objetivo dos autores e escritores, se aplica a uma ou mais das três categorias: expressar uma declaração pessoal de fé; transmitir informações doutrinárias e eclesásticas do que se pretende ser um modelo protestante; exortar ou tentar ajudar outros a adotar o que era considerado como uma forma correta de conduta cristã.

## **LITERATURA PROTESTANTE NO BRASIL**

Como exposto, a relação entre protestantismo e leitura, fez com que os protestantes elaborassem uma forma específica para transmitir sua mensagem, envolvendo principalmente escritos que fossem úteis aos seus objetivos de conversão e expansão. Seguindo essa característica, os



missionários protestantes que se instalaram no Brasil introduziram a Bíblia como livro-texto para leitura pessoal e comunitária a partir de meados do século XIX. Segundo Belloti, “os primeiros evangélicos norte-americanos trouxeram consigo a leitura da Bíblia e a publicação dos jornais” (2011, p.433).

É importante ressaltar que a leitura enquanto prática do protestantismo não se deu somente com a Bíblia, mas com uma série de outros textos que tinham o propósito de reforçar o padrão ideal de comportamento evangélico. Em especial, a edição de jornais, representou um importante meio de divulgação da doutrina ao passo em que relatava a crescente expansão protestante no país. Aqui cabe uma ressalva, apesar dos jornais não se enquadrarem como literatura, foram instrumentos importantes para a difusão da mesma entre os protestantes, visto que era muito comum a publicação de textos doutrinários, contos, parábolas, biografias, memórias e pregações em suas páginas.

A circulação de periódicos protestantes em português começou a ser introduzida no Brasil na segunda metade do século XIX, através dos missionários europeus e norte-americanos. Mesmo tratando-se de um período onde o catolicismo ainda era a religião oficial do Império, os jornais protestantes circularam, aproveitando-se da mesma constituição que restringia seus cultos ao ambiente doméstico, sustentando-se na permissão de que todos pudessem

communicar os seus pensamentos, por palavras, escriptos, e publical-os pela Imprensa, sem dependencia de censura; com tanto que hajam de responder pelos abusos, que commetterem no exercicio deste Direito, nos casos, e pela fórma, que a Lei determinar. <sup>2</sup>

O primeiro jornal evangélico brasileiro foi o *Imprensa Evangélica*, fundado pelos presbiterianos em 1864 no Rio de Janeiro, seguido pelo jornal *O Púlpito Evangélico*, fundado em São Paulo em 1874. Ao longo das décadas seguintes vários outros jornais presbiterianos foram surgindo a nível estadual. Em 1893 reverendos brasileiros lançaram *O Estandarte*, que substituiu o primeiro jornal como periódico nacional e passou a ser o órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (RIBEIRO, 1981).

---

<sup>2</sup> Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824). Capítulo III. Título 8º. Artigo 179IV. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm)

A segunda denominação a inaugurar uma publicação própria no país foi a Igreja Metodista, com o jornal *O Methodist Catholico* em 1886, substituído em 1887 pelo *O Expositor Cristão*. No mesmo ano de 1886, os Batistas iniciaram suas atividades literárias, quando o reverendo Zachariah Taylor passou a publicar o jornal *Ecos da Verdade*, impresso numa pequena tipografia instalada na sede da primeira igreja na Bahia. Em 1894, a Igreja Batista do Rio de Janeiro lançou o segundo jornal da denominação: *As Boas Novas*. Em 1900, os batistas começaram a discutir a possibilidade de uma publicação que atendesse o grupo a nível nacional e cumprisse o papel de manter sua coesão doutrinária. Segundo Adamovicz:

A utilização de um veículo de comunicação de alcance nacional tornara-se necessário à evangelização dos não-crentes, à instrução dos fiéis, e à veiculação dos planos e atividades de todas as igrejas batistas, sendo considerada medida indispensável ao processo de desenvolvimento da “consciência denominacional”. (ADAMOVICZ, 2008, p.67).

Como forma de atender a essa necessidade, em 1901, sob a direção do missionário norte-americano William Edwin Entzminger, foi criado *O Jornal Batista* e a “Casa Editora Batista” – posteriormente Casa Publicadora Batista – responsável pela sua publicação. Em 1909, na Assembleia da Convenção Batista Brasileira realizada em Recife, a publicação se tornou órgão oficial da CBB. Segundo o missionário Salomão Ginsburg, a criação do jornal tinha se tornado uma grande necessidade por três motivos principais: “a necessidade da evangelização, necessidade de instruir os crentes e necessidade de defender a causa Batista”.<sup>3</sup>

As demais igrejas evangélicas até então presentes em solo brasileiro que publicaram seu primeiro jornal no século XIX foram, a Igreja Evangélica Congregacional do Brasil inicialmente com *O Biblia* de 1891, substituído pelo *O Cristão* em 1892, jornal oficial até os dias atuais; e a Igreja Episcopal com o periódico *Estandarte Cristão* em 1893 (MENDONÇA, 1995).

Nestes primeiros anos de existência, a principal característica da imprensa protestante era permanecer alheia a tudo que envolvesse questões seculares<sup>4</sup> e em especial a política nacional. No entanto, abria-se uma ressalva

<sup>3</sup> Salomão Ginsburg. *O Jornal Batista* 07 de setembro de 1922, p. 05.

<sup>4</sup> O termo “secular”, comumente utilizado pelos protestantes, é empregado ao longo deste texto para caracterizar aquilo que estaria fora da atribuição da Igreja, ou seja, as “coisas do mundo”.



quando se tratava dos acontecimentos políticos diretamente ligados à permanência e sobrevivência do protestantismo no Brasil. Assim, nesse período em que o republicanismo significava para os protestantes uma oposição direta à hegemonia oficial do catolicismo,

todos os assuntos concernentes ao tema foram seguidos muito de perto pelos articulistas protestantes. À medida que a propaganda republicana vai tomando forma, os jornais vão abrindo espaço para que os políticos ligados a este interesse ocupem as suas páginas (SOUZA, 2007, p.52).

O embate secular entre protestantes e católicos também era pauta frequente destes jornais desde o início.

As publicações evangélicas, sejam livros, folhetos ou jornais, serviram como um poderoso instrumento para a disputa por espaço religioso no final do século XIX, disputa que, segundo Mendonça (1995, p.81) se desenvolveu sobre três pilares: a polêmica, a educação e o proselitismo. Estas ações são facilmente percebidas através da leitura da produção evangélica do período, onde seus temas giravam em torno da divulgação de suas atividades e de seus princípios, e da rivalidade com a Igreja Católica, que por sua vez, também criticava estes “invasores” em publicações católicas e laicas. Ao longo do século XX, as publicações foram variando cada vez mais, mas sempre mantendo estes mesmos pilares, seja nos textos de doutrinação, seja nas biografias, também comuns, que retratavam o modelo do evangélico a ser seguido e admirado.

Para valorizar a produção literária evangélica foi fundada, em 23 de outubro de 1962, a Academia Evangélica de Letras, uma organização de âmbito nacional, com sede na cidade do Rio de Janeiro, que tem, segundo seu estatuto, a finalidade de promover “a cultura das letras e das ciências, e a influência evangélica nas esferas intelectuais do País”.<sup>5</sup> É composta por quarenta membros efetivos e perpétuos, brasileiros, e mais vinte membros estrangeiros, todos do sexo masculino e pertencentes a qualquer Igreja Evangélica.

Cabe ressaltar também que a formação do sistema literário protestante brasileiro foi moldada sob a forma do protestantismo norte-americano e suas publicações. Considerando esta importante característica, podemos categorizá-la seguindo o modelo de Candy Brown (2004), que, ao estudar o

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.aelb.org/historia/>

protestantismo norte-americano entre os séculos XVIII e XIX, categorizou a literatura produzida por eles em quatro tipos, que seriam as “classes de textos evangélicos”: doutrina, memórias, ficção e obras para a Escola Dominical. A literatura produzida pelos evangélicos brasileiros, em linhas gerais, seguia esta classificação temática/utilitária.

## O SISTEMA LITERÁRIO BATISTA

Para exemplificar a forma como o sistema literário protestante se apresentou no Brasil desde a sua instalação e ao longo do século XX, tomei como referência a Denominação Batista. A escolha se justifica em especial, quando se observa a intensa produção literária deste grupo e a grande estrutura montada para garantir a elaboração e difusão de suas publicações. A literatura batista desde a sua instalação no Brasil, e ao longo do século XX, foi veiculada basicamente através dos jornais, catálogos, folhetos e livros. Todo esse material era produzido ou traduzido e publicado pela Casa Publicadora Batista (CPB). Criada junto com *O Jornal Batista* para cuidar da organização do jornal, a CPB publicava também folhetos, diversos livros de caráter doutrinário e era um dos principais órgãos oficiais da Denominação.

Os folhetos, em geral, apresentavam textos doutrinários numa linguagem mais acessível, tinham grande circulação nacional e alguns esgotavam em um curto período. Tinham como principal objetivo orientar os obreiros e pastores nas suas atividades proselitistas e doutrinárias. Nesse sentido, sua reprodução seguia a indicação de pastores de vários lugares do Brasil que eram convocados a enviar o material com o qual tivesse “alcançado bom resultado no seu trabalho”, ou descobrir folhetos de outras igrejas evangélicas que pudessem ser reproduzidos pela Casa Publicadora, que contava com uma “comissão de folhetos” para julgar os que seriam “dignos de reprodução”.<sup>6</sup>

Em se tratando dos livros publicados pela CPB, a quase totalidade dos títulos era de autoria de pastores batistas e de outras igrejas evangélicas ou traduções de obras, também de pastores, publicadas nos Estados Unidos. Estes pastores são pensados aqui sob a perspectiva gramsciana do *intelectual*<sup>7</sup>, visto

<sup>6</sup> *Folhetos*. O Jornal Batista. 03 de setembro de 1936, p. 04.

<sup>7</sup> Utilizo o conceito de *intelectual* para caracterizar os produtores das representações políticas que circularam entre os batistas. Entendendo por “intelectual” o indivíduo (ou grupo) que ocupa a função de construtor do consenso e defensor dos interesses de sua classe ou grupo social, tornando-se seu especialista e organizador que ocupa importantes espaços sociais de decisão prática e teórica, sendo assim fundamental no processo de construção da hegemonia (GRAMSCI, 1982).



que, além de formularem interpretações da realidade nacional de acordo com a visão de mundo do seu grupo, também desempenharam a função de formadores de um consenso, utilizando-se da literatura específica do grupo para tal. Dentre estes pastores, estavam os chamados “pioneiros”, que foram responsáveis ou estavam presentes nos primeiros momentos da inserção dos batistas no Brasil. Como detentores do conhecimento referente ao início da missão batista no país, pretendiam através destas obras registrar os acontecimentos da tradição oral para garantir que todos conhecessem a história da igreja.

Os livros em geral, tinham um perfil estritamente eclesiástico e podem ser classificados dentro das quatro classes propostas por Brown, já citadas neste texto. Apresentavam-se sob diversos gêneros, sendo os principais deles: estudos bíblicos, história do protestantismo ou dos batistas no Brasil, obras inspirativas, hinários, manuais doutrinários e de liturgia, obras didáticas sobre diversos temas – incluindo política – e num período mais recente, obras acadêmicas e literárias. Dentre estes gêneros, as publicações que se destacavam eram as biografias e memórias, as quais, diferentes do gênero literário que defendia a fé por meio da exposição de verdades bíblicas, faziam uso do exemplo para fortalecer o sacerdócio e apresentar as práticas cabíveis à moral protestante. Destacamos três desses gêneros: biografias, memórias e didáticos, este último por representar a visão de mundo batista sobre questões alheias ao campo religioso.

Dentro desse sistema literário entende-se por biografias os livros escritos sobre a história de vida dos primeiros missionários – considerados os pioneiros e grandes responsáveis pelo estabelecimento do protestantismo no Brasil – e de pastores considerados como referência, cuja conduta era admirável e servia de exemplo aos demais. As memórias por sua vez, eram livros dedicados a relatar a história institucional. Seus autores eram pastores que, em sua maioria, participaram deste primeiro momento de fundação, o que faz com que boa parte dos textos a história da igreja e a dos memorialistas se confundam. Eles eram “historiadores amadores ou ‘historiadores de ocasião’, reconhecidos dentro das suas igrejas pela boa escrita, pela extensa ficha de serviços pastorais e pela atividade de coleta e arquivo dos documentos da igreja” (WATANABE, 2011, p.48). Tais obras ocupavam um importante lugar entre as publicações da CPB, principalmente a partir da década de 1930.

Segundo Watanabe, esse impulso de produção histórica teve como pano de fundo o período em que “as igrejas passavam por um momento de nacionalização das suas estruturas eclesiásticas e, muitos dos seus pastores

procuravam construir uma Teologia nacional” (2011, p.25). Assim, na busca por uma autonomia frente às juntas de missões norte-americanas, a escrita de livros destacando a história da igreja brasileira acaba sendo reflexo da necessidade de construir uma identidade histórica nacional.

As obras de cunho didático versavam sobre temas seculares e se propunham, segundo seus autores, a ser uma explicação segura sobre esses temas. Como exemplo, pode-se citar a produção bibliográfica que representava a visão protestante sobre o fenômeno do comunismo – tema da tese desta autora (ALMEIDA, 2016). Estas produções têm como característica principal a abordagem do tema através de uma linguagem exclusivamente religiosa, descartando quase que completamente o viés político. Os autores dos livros encontrados nas bibliotecas dos Seminários batistas eram pastores estrangeiros ou brasileiros de diferentes denominações protestantes, ou leigos ligados à igreja, que por conta da linguagem utilizada e da forma com tratavam o tema conquistavam lugar nas estantes e nos espaços de divulgação de livros d’*O Jornal Batista*.

O Departamento de Livros e *O Jornal Batista* trabalharam em conjunto no sentido de distribuir e divulgar os livros que estavam de acordo com a ideologia da denominação, fossem eles escritos por pastores ou por leigos. Em se tratando das obras de divulgação anticomunista, não houve uma recomendação oficial explícita para a leitura delas, o que não impediu que sua leitura fosse incentivada através de propagandas nas páginas do OJB, que por si só, já poderia fazer surtir um bom efeito.

Por outro lado, também houve a recomendação sobre o que não poderia ser lido através da classificação dos livros em “neutros, bons e maus” onde os “livros bons” são aqueles “de grande valor que formam o caráter do homem” e os “livros maus” aqueles que “ninguém deve tocar, muito menos ler [...] basta passar os olhos em algumas páginas e ver o teor do autor e sua linguagem para decidir que eles deveriam ser deixados de lado”. Para tais livros, o melhor lugar era o fogo, pois “nunca é prejudicial queimar um livro mau”.<sup>8</sup>

Para melhor organizar a publicação e distribuição dos livros, a Convenção Batista Brasileira deliberou em 1922 pela criação do Departamento de Livros dentro da CPB. Graças ao trabalho deste departamento o número de publicações aumentou consideravelmente ao longo dos anos. Em 1951, numa

---

<sup>8</sup> *O Livro*. O Jornal Batista. 10 de janeiro de 1951, p. 02.



edição do OJB que dedicou uma grande quantidade de páginas para a literatura batista, a importância deste setor é reforçada, visto que, segundo um dos artigos, “ano após ano, nossas Escolas de Obreiras e nossos Seminários, vêm utilizando nossas publicações em seus cursos como matéria didática. E nossos livros são procurados não somente por batistas, mas também por pessoas de outras denominações evangélicas”.<sup>9</sup>

A distribuição e venda de folhetos e livros também era feita pela própria CPB através de envio direto aos leitores e em livrarias próprias da Denominação, que também cumpriam um importante papel nas estratégias de expansão batista. Em 1961, a inauguração de uma dessas livrarias ganhou amplo destaque em duas páginas inteiras do OJB. A livraria foi construída na área onde antes existia uma das igrejas batistas mais antigas de Salvador, a Igreja Batista de Sião. O ato de inauguração da livraria, no dia 16 de julho de 1961, contou com a “presença dos representantes dos governadores do Estado e da Cidade”, e segundo a notícia, foi um momento onde a Casa Publicadora Batista “entregou aos crentes e igrejas da Bahia, a mais moderna loja de livros de Salvador”.<sup>10</sup>

O serviço mais importante atribuído à Casa Publicadora Batista foi a publicação d’*O Jornal Batista*, que desempenhou papel aglutinador e essencial para a formação de uma “identidade batista” entre os membros da denominação. A função do jornal ao longo dos anos foi muito além da proposta inicial de consolidar o espírito denominacional e fornecer informações sobre as igrejas de todo o país. O periódico também cumpriu o importante papel de homogeneizar a posição política dos batistas, ao passo em que os posicionou ao lado dos governos conservadores.

Os editoriais analisados podem ser categorizados como textos informativos e que na maioria das vezes continham a opinião pessoal do autor. Nestes espaços eram abordados assuntos de natureza religiosa, sobre a realidade nacional, ou acontecimentos de âmbito mundial ou sobre questões atuais do cotidiano batista. Apesar de, em geral, visivelmente conterem a opinião do editor que o escrevia, os editoriais eram reconhecidos e apresentados pelo próprio jornal como o ponto de vista deste veículo de comunicação. Até o ano de 1918, o editorial vinha na capa do jornal, a partir das últimas edições deste ano passou a constar na página 03, onde permaneceu até o ano de 1950. A partir daí o editorial foi fixado na página 02, junto com as notas da redação, que em geral tratavam de assuntos do expediente da CPB.

<sup>9</sup> *Departamento de literatura permanente*. O Jornal Batista. 10 de janeiro de 1951, p. 05.

<sup>10</sup> *CPB inaugura nova loja em Salvador*. O Jornal Batista. 17 de agosto de 1961, p. 06.

A narrativa utilizada em quase todos os textos estava na terceira pessoa, ora referindo-se ao jornal, ora aos batistas brasileiros, denotando a ideia de um discurso hegemônico consensual. A linguagem era a mais próxima possível ao público alvo, voltada ao doutrinamento religioso ou político, e, portanto, eram comuns expressões do mundo protestante ou citações e referências bíblicas independente do assunto abordado.

As capas, em geral, traziam fotos ou gravuras homenageando grandes personalidades batistas, atividades, eventos comemorativos, congressos, novas igrejas ou ocorrências especiais. Além das imagens, eventualmente a capa apresentava textos de caráter doutrinário, parábolas, abordando questões polêmicas ou consideradas urgentes, como a Guerra Civil Espanhola, a troca de governantes ou a questão do comunismo.

O jornal contava com a contribuição de batistas de todo o Brasil, continha de quatorze a dezesseis páginas, com seções que variavam ao longo do tempo e algumas que se mantiveram em praticamente todo o período de publicação do jornal até os dias atuais. São elas: coluna de variedades que existiu até a década de 1940 e trazia notas sobre acontecimentos no Brasil e no mundo; expediente/ notas da redação geralmente ao lado do editorial; a página de *Perguntas e Respostas*; página da escola dominical/ da mocidade e, eventualmente, a publicação de correspondências. As páginas reservadas à convenção Batista Brasileira bem como às notícias da expansão batista no país estavam em todas as edições consultadas. OJB não reservava muito espaço para propaganda; estas, quando existiam, eram sobre livros de interesse da igreja e, menos comuns, de lojas ou medicamentos.

Além destas seções, cerca de cinco a sete artigos eram publicados em cada edição do OJB. Os principais gêneros veiculados no jornal foram: sermões, pregações prontas especialmente para as novas igrejas; parábolas/contos, textos destinados a transmitir preceitos da moral evangélica; estudos teológicos, contendo debates teológicos e doutrinários; artigos de opinião, textos sobre temas políticos pelo viés da ética protestante; comentários bíblicos, destinados a instrumentalizar os pastores para o ensino e preparo das prédicas e relatórios informando sobre as ações evangélicas dos batistas.

Para garantir a fidelidade do leitor e estimular a assinatura do periódico, foi comum a publicação de longos textos que se prolongavam por vários números, como por exemplo, o artigo “Funestas consequências da união entre o Estado e as Igrejas”, publicado em sete partes ao longo do ano de 1937;



e a autobiografia do missionário Waldemiro Timchak “Eu chorei na Rússia!”, publicado em 16 partes, entre o final de 1969 e os primeiros meses de 1970.

*O Jornal Batista* representou um dos mais importantes centros de divulgação do pensamento batista brasileiro. Esta publicação esforçou-se em preservar a coesão doutrinária, e a ideia de consenso nas leituras batistas sobre a realidade. Apesar de partir do modelo confessional norte-americano, que apresenta o conceito de igreja como uma comunidade democrática e autônoma, OJB construiu um imaginário e discurso próprio sobre o protestantismo ideal brasileiro.

Por fim, cabe ressaltar que uma importante característica da produção literária batista é a forte influência norte-americana, tanto nas páginas dos jornais, quanto em grande parte do material bibliográfico que circulava em seu meio. Nos jornais foi possível perceber a reprodução de inúmeros artigos e notícias de jornais evangélicos e seculares norte-americanos, e da Sociedade Batista Americana de Missões Estrangeiras. Também nos folhetos e principalmente nos livros, é possível perceber esta influência visto que, uma das funções da Casa Publicadora Batista era a tradução de material bibliográfico proveniente dos Estados Unidos ou a publicação de escritos de missionários em atividade no Brasil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde os primeiros anos de atuação protestante no Brasil, a produção de material impresso para a divulgação de suas doutrinas fez parte de uma estratégia que objetivava a conversão de novos indivíduos e a garantia da consolidação do grupo em um campo religioso ainda dominado pelo catolicismo. Segundo Marli G. Teixeira:

a imprensa denominacional assumiria papel relevante na inculcação de valores, símbolos, crenças e atitudes mentais na população que, gradualmente, era atraída para as novas igrejas; o processo deveria ser contínuo e sistemático, dada as próprias peculiaridades do campo religioso. (TEIXEIRA, 1983, p.57)

O sistema literário evangélico teve, e ainda tem, um papel significativo para o crescimento do protestantismo no Brasil. Os jornais, em especial, mesmo não pertencendo a “grande imprensa” e portanto, pouco interferir na leitura dos fatos fora do meio religioso foram, dentro do grupo, construtores de consenso e instrumentos para a doutrinação dos fiéis, ao

---

mesmo tempo em que exerceram forte influência na formação do perfil evangélico na sociedade.

A literatura protestante, seja através de livros, folhetos, hinários, documentos doutrinários ou textos literários publicados nos jornais, tem papel fundamental no estabelecimento e expansão deste grupo no Brasil. É também, o veículo mais importante para demarcar a identidade e garantir a coesão entre os evangélicos. Por fim, cabe afirmar que foi, e ainda é, o principal meio através do qual a declaração de fé, a doutrina do grupo, sua história e expansão foram divulgadas, sendo, portanto, proselitista, doutrinária, apologética e pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ADAMOVICZ, Anna L. C. *Imprensa protestante na Primeira República: evangelismo, informação e produção cultural – O Jornal Batista (1901-1922)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.



ALMEIDA, Luciane Silva. “*Missionários do Inferno*”: representações anticomunistas dos batistas no Brasil (1917-1970). Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BELLOTI, Karina K. “A participação dos evangélicos na mídia”. In: SANTOS, Lyndon A. dos; ALMEIDA, Vasni de . (Org.). *Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BROWN, Candy G. *The Word in the World: Evangelical Writing, Publishing, and Reading in America, 1789-1880*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 1997

CHARTIER, Roger. *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COSTA, Hermisten M. P. *O Protestantismo e a palavra impressa no Brasil: ensaios introdutórios*. Ciências da Religião – História e Sociedade. São Paulo: Mackenzie. Volume 06, n. 2, PP. 123-145, 2008.

GRAMSCI, Antônio. “A Formação dos Intelectuais”. In: \_\_\_\_. *Os Intelectuais e a Formação da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GREEN, Ian. *Print and Protestantism in Early Modern England*. New York: Oxford University Press, 2000.

HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

MENDONÇA, Antônio G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paulinas, 1995.

---

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

SANTOS, Lyndon de A. *O Paraíso e o Capitel: Representações do Protestantismo no Brasil Republicano (1910-1920)*. Revista de Estudos da Religião. São Paulo: PUC, n. 01, ano 03, 2003.

SOUZA, Márcio P. de. *Palanques de Papel: o discurso político dos jornais evangélicos brasileiros no período da República Velha*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

TEIXEIRA, Marli G. “*Nós os Batistas*” – Um Estudo de História das Mentalidades. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1983.

WATANABE, Tiago. *Escritos Nas Fronteiras: Os Livros de História do Protestantismo Brasileiro (1928-1982)*. Tese de Doutorado. Assis: UNESP, 2011.

**Recebido em: 38/04/2020**

**Aprovado em: 13/05/2020**

